

Convívio com Maria Thetis Nunes (1967-2009)

Ibarê Dantas*

Resumo:

Este texto rememora o meu convívio com a professora Maria Thetis Nunes em vários momentos no período de 1967 a 2009. Nos anos sessenta como discípulo em várias disciplinas na Faculdade Católica de Filosofia, em seguida como colega de magistério na Universidade Federal de Sergipe. Ademais, no período em que a mestra presidia Instituto Histórico Geográfico de Sergipe, ocupei a vice-presidência do Sodalício e, posteriormente, a presidência, sempre com seu apoio. Foi, portanto, uma convivência que muito contribuiu para meu crescimento intelectual e profissional, ao tempo em que testemunhava seu espírito público, sua tolerância e firmeza em defesa da pluralidade dos diversos segmentos da sociedade.

Palavras-chave: Maria Thetis Nunes, memória, instituições culturais, Sergipe.



* Historiador e cientista político. Ex-presidente do IHGSE. Doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Sergipe.

Interaction with Professor Maria Thetis Nunes (1967-2009)

Abstract

This text recalls my interaction with Professor Maria Thetis Nunes at various moments from 1967 to 2009. In the sixties, I was her disciple in various disciplines at the Catholic Faculty of Philosophy, and later, we became colleagues at the Federal University of Sergipe. Additionally, during the period when the professor presided over the Historical and Geographic Institute of Sergipe, I held the vice-presidency of the organization and later assumed the presidency, always with her support. It was, therefore, an association that greatly contributed to my intellectual and professional growth, while witnessing her public spirit, tolerance, and steadfast defense of the plurality of various segments of society.

Keywords: Maria Thetis Nunes, memory, cultural institutions, Sergipe.

Convivencia con la profesora Maria Thetis Nunes (1967-2009)

Resumen

Este texto recuerda mi convivencia con la profesora Maria Thetis Nunes en varios momentos desde 1967 hasta 2009. En la década de los sesenta, fui su discípulo en varias disciplinas en la Facultad Católica de Filosofía, y posteriormente, fuimos colegas en la Universidad Federal de Sergipe. Además, durante el periodo en que la maestra presidía el Instituto Histórico Geográfico de Sergipe, ocupé la vicepresidencia del Sodalicio y, posteriormente, la presidencia, siempre con su apoyo. Fue, por lo tanto, una convivencia que contribuyó en gran medida a mi crecimiento intelectual y profesional, al tiempo que presenciaba su espíritu público, su tolerancia y firmeza en defensa de la pluralidad de los diversos segmentos de la sociedad.

Palabras clave: Maria Thetis Nunes, memoria, instituciones culturales, Sergipe.



Maria Thetis Nunes foi uma das maiores expressões da intelectualidade sergipana do século XX, cuja atuação se prolongou até a primeira década do XXI. Com ela convivi em várias circunstâncias como aluno, colega de magistério, associado do Instituto Histórico, bem como vice e presidente da Casa de Sergipe. Este texto rememora meu convívio intermitente com a mestra no período de 1967 a 2009, por ocasião das homenagens no centenário de nascimento.

No momento em que a conheci, em 1967, a professora estava com 44 anos e já havia celebrado a maioria das conquistas pioneiras de sua existência destacada. Ao sair de Itabaiana e estudar no Atheneu, foi bem acolhida por seus mestres. Ao graduar-se em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia da Bahia no ano seguinte, com apenas 22 anos, foi aprovada no concurso de catedrática do Atheneu Sergipense. Pouco depois assumiu a direção do citado Colégio. Como mestra de prestígio, participou do curso ISEB no Rio de Janeiro (1956-1960), em momento de grande euforia da intelectualidade brasileira com o projeto nacional-desenvolvimentista. Daí foi nomeada Adida Cultural do Brasil em Rosário, na Argentina, onde atuou de 1961 até inícios de 1965.¹

Ao retornar a Sergipe, reassumiu a cátedra no Atheneu e na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, na qual já era professora desde a fundação em 1951.² Nessa nova jornada, lecionou várias disciplinas com salários praticamente simbólicos até a chegada da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 1968. Ajudou a instalação da nova instituição, participou de conselhos no âmbito da Universidade e do Estado, exerceu o cargo de reitora interina e aposentou-se em 1983.

* Historiador e cientista político. Ex-presidente do IHGSE. Doutor honoris causa pela Universidade Federal de Sergipe.

1 Cf. Maria Nely Santos. *Professora Thetis: uma vida*. Aracaju: Pontual, 1999; João Paulo Gama Oliveira. *Caminhos Cruzados: Itinerários de Pioneiros Professores do Ensino Superior em Sergipe (1915-1954)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2015 e *Nas Trilhas dos jovens anos escolares. Itinerários de intelectuais sergipanos (1935-1945)*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2020, p. 99-129.

2 Ver João Paulo Gama Oliveira. *A formação do professor de História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre disciplinas, docentes e conteúdo (1951-1962)*. São Cristóvão/SE: Editora da UFS, 2003, p. 103.



No momento em que a conheci (1967), eu tinha 27 anos e cursava o primeiro ano de História na Faculdade de Filosofia. Trabalhava no Banco do Brasil e havia deixado o curso de Direito após frequentar dois anos. A lembrança que ficou de Thetis desse tempo foi de uma mestra um tanto sóbria, experiente na cátedra e bastante culta. Convocada para ministrar várias disciplinas, a professora dispunha de anotações destinadas a orientar suas preleções cadenciadas e as ilustrava com comentários esclarecedores. Tratava os alunos de forma igualitária e revelava habilidade em evitar ou minimizar problemas com discípulos. Empenhava-se em manter-se atualizada e referia-se a suas viagens de fim de ano, a maioria das vezes para a Europa, com certa discrição. Quando o movimento estudantil estava em plena ebulição na Europa e na América em 1968, inspirado nas concepções da nova esquerda, especialmente Herbert Marcuse (1898-1989), Thetis proferiu uma palestra no auditório da Faculdade sobre as ideias desse filósofo.

Na sala dos professores entre seus pares, a mestra revelava-se menos formal. Travava discussões mais descontraídas e dava risadas espontâneas. A única vez que a vi indignada foi quando, junto com José Silvério Leite Fontes (1925-2005), tiveram uma discussão acalorada com Maria da Glória Monteiro, diretora da Faculdade, e os dois saíram da sala aborrecidos e reclamando.

Durante o meu curso de História (1967-1970) fui seu aluno em quatro disciplinas ao tempo em que me manifestava participativo e respeitoso. Por vezes dialogávamos e pedia explicações sem irreverências.

Pelo menos nesse período, as avaliações das diversas disciplinas eram de duas formas. A maioria das notas era atribuída em provas escritas na classe. A segunda maneira era em trabalhos feitos em casa. Uma parte destes exercícios era a denominada “grande pesquisa”, cujo tema demandava pesquisa bibliográfica, leitura e certa reflexão para dissertar.



Amostra dos temas de dissertações passadas por Maria Thetis Nunes para elaborar em casa (1967-1970)

| DISCIPLINA | TÍTULO DO TRABALHO | DATA |
|------------------------|--|-----------------|
| História do Brasil | O determinismo em Sílvia Romero | 1967 - maio |
| História do Brasil | Evolução do Povo Brasileiro. Oliveira Viana (síntese e crítica) | 1967 - agosto |
| Goehistória | O legado da Grécia Antiga para o Ocidente | 1967 - outubro |
| História do Brasil | Introdução Crítica ao Estudo dos Holandeses no Brasil | 1969 - setembro |
| História do Brasil | Resumo e crítica do livro <i>Tempo dos Flamengos</i> . José Antonio Gonçalves de Melo. | 1969 - agosto |
| História Contemporânea | Contribuição de Montesquieu, Voltaire e Rousseau para o Liberalismo Político | 1970 - maio |
| Prática de Ensino | Plano de Curso | 1970 - março |

Como eu estava bastante motivado, dispunha de alguma leitura e de uma bibliografia razoável, levava a sério as tarefas, apresentava o texto datilografado em várias páginas e era bem avaliado.

No julgamento de provas escritas e de trabalhos sobre determinados temas, a professora revelava-se sempre criteriosa e discreta nos comentários. O tratamento impessoal que dispensava aos alunos não a impedia de estimulá-los em momentos oportunos.

Por esse tempo de aluno, Thetis sugeriu que eu fosse ao Arquivo Público pesquisar sobre a Revolta de Santo Amaro das Brotas deflagrada 1836. Como Beatriz Góis Dantas, minha esposa, estava interessada em investigar os índios, fomos juntos conhecer o Arquivo Público no prédio da antiga Escola Normal. Foi um choque. Ficamos perplexos ao vermos a documentação amontoada a partir do piso num desprezo revoltante, que teve consequências.³

3 Como se sabe, foi esse fato que resultou em mudança. Como éramos amigos próximos de Stefânio Farias Alves, narramos o quadro triste. O jornalista, que trabalhava na *Gazeta de Sergipe*, publicou reportagens com imagens e escreveu editorial relatando a situação. O movimento cresceu. Quando José Honório Rodrigues veio ao Estado, ao lado de Silvério Fontes, Luiz Rabelo e um terceiro que não me ocorre, acompanhamos o historiador ao local. Na palestra da noite, o conferencista disse nunca ter visto tamanho descaso pela

Após a conclusão do meu curso, somente voltei a encontrar Thetis durante o V Simpósio de História do Nordeste, que ocorreu em Aracaju no período de 14 a 18.8.1973. Embora ainda não pertencesse aos quadros da Universidade, participei do evento com a apresentação do texto sobre *Evolução política de Sergipe (1900-1930)* na primeira sessão plenária (15.08.1973).

Foto 1. Sessão do V Simpósio de História do Nordeste, Aracaju, 14 a 18.8.1973.



Arquivo do autor.

Na mesma sessão, Maria Thetis Nunes falou sobre *a Presidência de Manuel da Silveira e a repercussão em Sergipe da Confederação do Equador*; Luiz Mott discorreu sobre *O Imperial Instituto Sergipano de Agricultura* e Beatriz Góis Dantas apresentou a comunicação sobre *Subsídios à História da Antiga Missão de Geru*.⁴

O evento marcou o início de nova fase da historiografia de Sergipe, na medida em que estimulou a produção de vários trabalhos que ficaram como referências importantes. Ao final do simpósio,

memória. Quando o novo secretário da Educação e Cultura assumiu, convidou Beatriz para dirigir o Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico (DCPH). A jovem professora aceitou mediante a promessa de transferir os papéis para uma sede digna e iniciar a classificação. E assim foi feito.

4 Cf. programa oficial. Arquivo do autor.

houve o conagraçamento no late Clube de Sergipe, quando participamos do mesmo grupo de conversa.

Foto 2. Coquetel no late Clube, agosto de 1973. A partir da esquerda: Silvério Fontes e sua esposa Elza Silveira, Luiz Mott, Thetis Nunes, Beatriz e Ibarê Dantas.



Arquivo do autor.

Como consequência de minha primeira apresentação pública, ainda em 1973, Thetis, ao ministrar um curso de pequena duração, convidou-me para falar em uma aula sobre o movimento tenentista em Sergipe. Foi nessa oportunidade que, nos debates, o engenheiro Jorge de Oliveira Neto proferiu uma frase que registrei no meu livro: “Fomos livres 22 dias separados do mundo”, referindo-se ao período em que os militares controlaram o poder no Estado. A obra *O Tenentismo em Sergipe* seria lançada em 1974 no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, quando Thetis era presidente da instituição.

No ano seguinte, concorri em concurso e ingressei na UFS, passei a ensinar Sociologia e às vezes nos cumprimentávamos formalmente nos corredores. Dois anos depois, deixei o Banco e, em inícios de 1978, fui cursar o mestrado em Campinas (SP) e somente voltei a encontrar a professora em 1980. Retornei à sala de aula e



estava redigindo a dissertação quando Thetis Nunes me convidou a falar sobre *Sergipe e a Revolução de 1930*. O evento foi divulgado como uma promoção da UFS, SEC e Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), para lembrar o cinquentenário do acontecimento, e ocorreu no auditório do Instituto em 28.10.80. Era mais uma iniciativa da professora com o sentido estimular o ex-aluno, expondo-me a novo desafio.

Por esse tempo, eu frequentava o Instituto como pesquisador e não me lembro de conversa ou maior aproximação com a presidente até 02.03.1990, quando lancei meu novo livro *Os Partidos Políticos em Sergipe (1889-1964)* na mesma instituição que ela continuava a presidir.

Foto 3. Lançamento de *Os Partidos Políticos em Sergipe (1889-1964)* no Instituto em 02.03.1990.



Arquivo do autor.

Durante a década de 1990, continuamos sem convívio próximo, mas nem por isso deixava de acompanhar sua atuação nos conselhos superiores da UFS e suas experiências como reitora substituta em mais de uma ocasião. Lia seus artigos na *Revista do IHGS*, no *Caderno de Cultura do Estudante*, órgão do PROEX/UFS, e suas contribuições na *Gazeta de Sergipe*, na qualidade de historiadora vigilante. Diante de temas de versões duvidosas, várias vezes inter-



veio com a força de seu saber e de sua autoridade de intelectual séria e competente, tentando evitar que interpretações equivocadas ganhassem foro de verdade. Ademais, acompanhava os lançamentos de suas publicações mais alentadas, que se afirmaram como a parte mais substantiva de seu legado.⁵ Nesse convívio a meia distância, em início de setembro de 1999, quando pesquisava no IHGS, Thetis Nunes me convidou para ocupar a vice-presidência da Instituição, substituindo o professor Fernando de Figueiredo Porto, que havia se afastado definitivamente por motivo de saúde.

Aceitei o chamado com surpresa, pois os membros da Diretoria eram intelectuais com maior visibilidade na imprensa e eu desconhecia os problemas internos do Instituto. Ser vice-presidente naturalmente significava ter que substituí-la nas suas ausências e seria visto como um dos candidatos a ocupar o seu posto, o que supostamente não deveria agradar a alguns membros da Diretoria do Sodalício.

Ao especular sobre as razões da escolha, levantei a hipótese de que poderia ter influenciado, além da publicação de livros, o fato de haver instalado, ao lado de alguns colegas, o Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais (NPPCS) e ter sido o seu primeiro coordenador (1986-1990). Nesse período, foram qualificados 40 profissionais na área de Ciências Sociais, muitos dos quais se tornaram docentes da UFS.

A professora Thetis, mesmo aposentada, sabia da minha experiência administrativa e didática pelas repercussões que a gestão do NPPCS alcançou dentro e fora da Universidade. Mas isso foi uma mera hipótese que cogitei na tentativa de compreender as causas do convite.

Aceito o desafio, a presidente convocou uma reunião da Diretoria para o dia 15.09.1999 e pediu-me para assistir. Cinco dias depois

5 Sobre sua produção, ver Maria Nely Santos. *Professora Thetis: uma vida*. Aracaju: Pontual, 1999; João Paulo Gama Oliveira. *A formação do professor de História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre disciplinas, docentes e conteúdo (1951-1962)*. São Cristóvão/SE: Editora da UFS, 2003, p. 155-156 e Jorge Carvalho do Nascimento. Os estudos sobre os intelectuais na historiografia de Maria Thetis Nunes. *Revista do Mestrado em Educação*, Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, v. 1, p. 33-40, 1998.



fui legitimado por votação unânime dos diretores para vice-presidente da Casa de Sergipe.

Por coincidência, em 27.10.1999 foi lançado o estudo biográfico de muitos méritos da professora Maria Nely Santos, o qual trouxe boa análise e ricas informações da mestra.⁶ Compareci ao evento com minha esposa, Beatriz. Autografaram o livro a autora e a biografada, que registrou “reconhecimento da contribuição de vocês à cultura histórica sergipana.” Três meses depois, lancei na Escariz do Shopping Jardins a segunda edição de *O Tenentismo em Sergipe*. A professora Thetis compareceu ao evento e fomos fotografados juntos.⁷

Foto 4. Thetis ao lado de Ibarê no lançamento de mais um livro (1999).



Arquivo do autor.

Recorde-se que, em 1972, após morte súbita do então presidente José Garcez Dória (1921-1972), o professor José Silvério Leite Fontes assumiu a direção da Casa de Sergipe. A sucessão levou Silvério à reitoria da Universidade Federal a fim de buscar uma solução, quando então convenceu Maria Thetis Nunes a presidir a instituição. Em

6 Cf. Maria Nely Santos. *Professora Thetis: uma vida*. Aracaju: Pontual, 1999.

7 José Ibarê Costa Dantas. *O Tenentismo em Sergipe*. Aracaju: J. Andrade/Funcaju, 1999, 2. ed.

1999, após realizar trabalho meritório, a mestra continuava à frente do Instituto com pouco apoio e algumas dificuldades.⁸

Honrado com o cargo de vice, passei a comparecer quase todas as tardes ao Sodalício. Era o tempo em que os documentos do arquivo particular do historiador Aurélio Vasconcelos de Almeida,⁹ doados ao Instituto, chegavam em lotes. Interessado em conhecer esse material com muitas fontes sobre o século XIX em Sergipe, junto com a estagiária Vanessa Oliveira fizemos uma classificação. Enquanto isso, observava o funcionamento do Instituto e fui me envolvendo com os problemas da Casa.

Como o auditório estava em situação precária, acompanhei a presidente à gerência do Banco do Nordeste, onde solicitamos contribuição financeira para reformar o auditório da Casa de Sergipe, mas não encontramos receptividade para tanto.

Por esse tempo, elaborei projeto para digitalizar boa parte da Hemeroteca do Instituto. A presidente passou a vista, assinou o documento e entreguei ao prefeito Marcelo Déda para intermediar o pleito junto à direção da Petrobras, cujo presidente era José Eduardo Dutra, correligionário e amigo de Déda. Houve alguma resistência, mas o prefeito insistiu, e o resultado favorável somente saiu nos primeiros dias de minha presidência.

Em dezembro de 2001, houve nova eleição e a Diretoria foi reeleita, inclusive a presidente e o vice. Nesse ano, alguns representantes de Institutos Históricos do Nordeste e Sudeste, inclusive o presidente ilustrado do IHGB, passaram a reunir-se para discutir problemas

8 Sobre a gestão de Maria Thetis Nunes no IHGS, ver José Ibarê Costa Dantas. *História da Casa de Sergipe: Os 100 anos do IHGSE 1912-2012*. São Cristóvão/SE: Editora da UFS; Aracaju: IHGSE, 2012, p. 315-378.

9 Aurélio de Vasconcelos Almeida (16.06.1911-29.01.1999) nasceu em Santo Amaro das Brotas (SE). Estudou em sua cidade e em Maroim, ordenou-se no Seminário Diocesano de D. José, depois de algum tempo migrou para o interior de São Paulo. Desenvolveu sua pastoral em Campinas, Botucatu e, em 1951, assumiu a direção da paróquia de Nova Odessa, onde permaneceu até a véspera da morte em 1999. Ainda graduou-se em Pedagogia, em Direito e chegou a ensinar Sociologia na PUC em Campinas. Deixou três obras relevantes: *A Vida do 1º Apóstolo de Sergipe, Padre Gaspar Lourenço. RIGSE*. Aracaju, n. 21, p. 113-225, 1951-1954; *Representação da Província de Sergipe D’el Rei no Parlamento Nacional. 1823-1889. RIGSE*. Aracaju, n. 20, p. 5-95, 1949-1950 e *Esboço Biográfico de Inácio Barbosa*. Aracaju. 3 volumes: Sercore: 2000 e 2002, Aracaju: J. Andrade, 2003.

e troca de ideias. Sem disposição para comparecer, a presidente do IHGS designou-me para representar a Casa de Sergipe.

No conjunto, compareci a quatro encontros: Maceió (2001), Natal (2001), Recife (2002) e Salvador (2003), quando foram expostos e analisados os problemas de cada instituição. Convivendo com representantes do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pernambuco, Bahia, Paraíba, Alagoas, Ceará e Rio Grande do Norte, pude compreender melhor a relevância dessas instituições para a vida cultural dos Estados e acumulei muitas informações para comparar com a realidade de Sergipe. Ao mesmo tempo, ficava a pensar nas possíveis alternativas de mudança.

Entretanto, nem tudo era satisfação. Depois de assistir à exposição dos presidentes sobre o funcionamento de suas Casas, sentia certo desconforto ao revelar a situação do Instituto de Sergipe. Não foi por acaso que, no primeiro relatório de sete páginas que entregamos à presidente Maria Thetis Nunes, após o Encontro em Maceió, fomos bastante francos:

De nossa parte, consideramos o encontro como proveitoso. Em meio às informações sobre a realidade de cada instituição e a permuta de experiências, podemos obter melhor visão de conjunto dos Institutos nordestinos. Mas, ao compararmos a situação do nosso com os demais, chegamos à conclusão que o de Sergipe é aquele que está com maiores dificuldades de manutenção e em estado mais precário, posição que nos deixou bastante constrangido.¹⁰

Não obstante haver apresentado um quadro crítico sobre a situação do nosso Instituto, Thetis voltou a recomendar que eu continuasse a representá-la nos encontros subseqüentes do Nordeste.

Nas outras reuniões a que comparecemos, discutiu-se a situação dos Institutos e as alternativas para que eles fossem melhorados. Ao final, apresentei outro relatório mais circunstanciado com sugestões

10 José Ibarê Costa Dantas. Relatório sobre o II Encontro Regional dos Institutos Históricos realizado em Maceió de 06 a 08.04.2001 e apresentado à presidente Maria Thetis Nunes em 12.04.2001.

de mudanças e foi crescendo a inconformidade quanto à forma como o IHGS era administrado. Thetis recebeu o texto e não fez comentário.

A partir de então, tentei interferir dentro das atribuições da Vice-presidência, sobretudo quando assumia a titularidade por ocasião das licenças da presidente. Mas, como já revelei em outra publicação, a resistência dissimulada do secretário geral Luiz Fernando Ribeiro Soutelo (1949-2022) foi-se tornando mais perceptível e difícil de ser amenizada.¹¹

Quando, com muito esforço e paciência, consegui junto com os demais confrades que a Diretoria e, posteriormente, a Assembleia Geral aprovassem a reforma do estatuto, descobrimos para surpresa geral que a ata da sessão não havia sido registrada no livro apropriado e muito menos em cartório. A partir desse fato, percebi que era impotente para mudar o Instituto com alguns daqueles colegas ocupando cargos.¹²

Embora considerasse as atividades administrativas uma digressão prejudicial ao meu projeto de pesquisa, fiquei diante de duas alternativas: ou me acomodaria com a situação existente ou tentaria transformá-lo. Ao final, a segunda alternativa, estimulada por alguns companheiros, impôs-se como uma força imperiosa.

Urgia, portanto, explorar o potencial que o Sodalício dispunha como órgão plural da intelectualidade sergipana, a fim de melhorar os serviços que prestava à sociedade e zelar com mais determinação pelo seu acervo e pela sua memória.

Depois de refletir bastante, embora contrafeito, na tarde do dia 03.10.2003 comuniquei à estimada professora Maria Thetis Nunes que pretendia concorrer à presidência do IHGS no pleito seguinte, ao tempo em que a convidava a participar da nossa chapa na qualidade de vice-presidente. A mestra disse-me que iria pensar. Dias após, a referida professora encontrou-se com Silvério Fontes e dis-

11 José Ibarê Costa Dantas. *História da Casa de Sergipe: Os 100 anos do IHGSE (1912-2012)*. São Cristóvão/SE: Editora da UFS; Aracaju: IHGSE, 2012, p. 315-378.

12 Em 30.12.2003, quando já exercíamos a presidência, o ex-secretário geral Luiz Fernando Ribeiro Soutelo esteve no Instituto e deixou em mãos de um funcionário o relatório dos seus feitos nos últimos 15 anos e a ata que se recusou a registrar no livro apropriado. Luiz Fernando Ribeiro Soutelo. *Alguns Trabalhos desenvolvidos*. 30.12.2003. Arquivo do IHGSE, Caixa 378.

se-lhe: “Ibarê vai ser o novo presidente do Instituto.”¹³ Pouco depois respondeu ao convite do seu ex-aluno para participar da chapa: “vice não, me deem um título.”

Diante dessa decisão, no dia 19.12.2003 aconteceu o pleito e fui eleito. Decorrido o prazo regimental, em 16.01.2004 houve a solenidade da transmissão do cargo com os discursos de praxe.

Foto 5. Solenidade da posse de Ibarê Dantas na Presidência do IHGS em substituição a Maria Thetis Nunes. Janeiro de 2004.



Arquivo do autor.

Maria Thetis Nunes fez um balanço de suas realizações, evocou as dificuldades que enfrentou nas três décadas e, com sua costumeira dignidade, colocou-se à disposição da nova Diretoria. No discurso de posse e no relatório de sua longa gestão que seria publicado no número 34 da *Revista do IHGSE*, disse crer que eu seria “a pessoa indicada para substituí-la pelo conhecimento que tinha como aluno, depois como colega, pelo interesse pelas pesquisas históricas, como atestam os bons livros publicados (...) e a seriedade e o senso de responsabilidade que o marcam.”¹⁴

Como presidente empossado, elogiei a venerada mestra, reconhecendo seu papel à frente do Instituto, expus meu diagnóstico da situação da Casa e apontei os desafios que tínhamos pela frente.

13 Cf. Silvério Fontes. *Informação ao autor*.

14 Maria Thetis Nunes. Relatório apresentado na transmissão da presidência em 14.01.2004. *RIHSE*, Aracaju, n. 34, 2003-2005, p. 259.

Na primeira reunião da Diretoria, foi aprovada a propositura concedendo-lhe o título de Presidente de Honra do IHGS. A sigla foi atualizada para IHGSE, para distinguir da de Santos/SP. A mestra continuou frequentando o Instituto, colhendo dados para suas pesquisas e sempre vinha ao meu encontro saber das novidades. Mantivemos sempre um relacionamento cordial. Além disso, comparecia às solenidades e participava da composição da mesa nas cerimônias comemorativas da fundação do Instituto e da independência de Sergipe. Em 07.07.2006 foi a principal conferencista da solenidade, o que terminaria sendo sua última palestra pública no IHGSE, instituição que dirigira por 31 anos.

Foto 6. Maria Thetis Nunes, presidente de Honra do IHGSE, ao lado do presidente Ibarê Dantas, em julho de 2007.



Arquivo do autor.

Embora não fizesse parte do seu círculo específico de amigos, algumas vezes nos encontrávamos em ambientes informais de comemorações festivas promovidas por amigos comuns. Nos aniversários de Silvério Fontes, ela sempre se fazia presente e partilhávamos desses momentos de descontração ao lado de vários outros colegas.

No penúltimo ano de minha gestão no IHGSE (2008), a convite de Thetis, eu fui visitá-la no seu apartamento no Edifício Atalaia na Av. Ivo do Prado. Acompanhado da esposa e de Sílvia, minha filha, pales-

tramos e ao final mostrou-nos seu gabinete de trabalho e seus livros. Alguns meses depois, junto com Beatriz, nos encontramos em um hotel no Rio de Janeiro. Fazíamos refeições na mesma mesa e juntos fomos a alguns eventos culturais. As relações se estreitavam e pouco depois, em outubro de 2009 a mestra adoeceu.

Ao saber que Thetis havia sido operada no Hospital São Lucas, junto com Beatriz fomos visitá-la. Conversamos, mas continuava incomodada. Três dias depois encontramos-la mais enfraquecida. Foi a última vez que a vimos. Dois dias depois piorou e sofreu nova intervenção cirúrgica. Assistida por médicos e acompanhada por sobrinhos, faleceu em 25.10.2009.

O IHGSE fechou as portas e anunciou o luto em uma longa faixa. O velório aconteceu pela tarde na sede da Academia Sergipana de Letras, onde tive oportunidade de proferir algumas palavras de pesar. No dia seguinte, na abertura do Simpósio sobre História Oral na UFS, falei sobre a grande personalidade desaparecida. Sendo uma pessoa com largo relacionamento com os presidentes dos diversos Institutos, participei a todos seu passamento.

No dia 30.10 prestei um depoimento para TV Aperipê sobre sua atuação pioneira no magistério e seu legado na historiografia sergipana. Houve missa de sétimo dia. Um mês e um dia depois de sua morte, o IHGSE prestou homenagem póstuma a Maria Thetis Nunes em sessão especial. O número 39 da *Revista do IHGSE*, divulgada ainda em 2009, dedicou a edição a sua memória, publicando na abertura um texto de minha autoria, como obituário, ressaltando a sua importância e o legado da autora que produziu a síntese mais completa da História de Sergipe.¹⁵

Depois, ao longo dos anos, vários seminários aconteceram analisando sua vasta produção. Ainda em 2022, ano das comemorações do bicentenário da independência do Brasil, antecipando-se à celebração dos 100 anos do seu nascimento, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado (SEDUC) publicou cinco dos seus principais livros com introdução da historiadora Terezinha Oliva.

15 José Ibarê Costa Dantas. Maria Thetis Nunes (06.01.1923-25.10.2009). *RIHGSE*, Edição em homenagem à professora Maria Thetis Nunes. Aracaju, n, 39 de 2009, p. 15-19.

Essa foi minha convivência com Maria Thetis Nunes quando testemunhei seu espírito público, tolerância, seriedade e sua posição em defesa da pluralidade. Sem dúvida, foi uma intelectual que sabia conviver com pessoas de diversas crenças, ideologias e vertentes teóricas de forma respeitosa. Dedicou-se ao magistério, ao estudo da história e atuou nos altos cargos de várias instituições, contribuindo ativamente com altivez para uma sociedade mais justa. A posteridade não deve esquecer seus procedimentos como parte de seu legado.

De minha parte, considero auspicioso o convívio com essa grande intelectual, que muito me ensinou com sua sabedoria em meio a gestos de estímulos, apoio e generosidade.

